

Eixo 5 - A educação nas relações étnico-raciais

A cibercultura no combate ao racismo e a discriminação afroreligiosa

Luzineide Miranda Borges

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BORGES, L.M. A cibercultura no combate ao racismo e a discriminação afroreligiosa. In: SANTOS, A. R., OLIVEIRA, J. M. S., and COELHO, L. A., orgs. *Educação e sua diversidade* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 172-186. Movimentos sociais e educação series, vol. 3. ISBN: 978-85-7455-489-1. Available from: doi: [10.7476/9788574554891.0011](https://doi.org/10.7476/9788574554891.0011). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/8t823/epub/santos-9788574554891.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

EIXO 5



A educação nas relações étnico-raciais

A CIBERCULTURA NO COMBATE AO RACISMO E A DISCRIMINAÇÃO AFRORELIGIOSA



Luzineide Miranda Borges¹

O meu cabelo não pediu sua opinião!

A coisa está ficando preta: ativismo digital e educação para a diversidade cultural

A frase acima viralizou nas redes sociais digitais, ganhou espaços nas camisas das meninas negras e meninos negros que estão *reexistindo* a toda forma de preconceito e lutando contra a discriminação racial digital. O digital, em rede, inaugura uma nova forma de comunicação e revoluciona os modelos comunicacionais na contemporaneidade. Saímos da comunicação/informação passiva, em que as pessoas recebiam essas informações e não tinham como expressar suas críticas e reflexões sobre elas, para a comunicação/interação.

É cada vez mais comum acessarmos as redes sociais digitais e encontrarmos várias formas de interação e colaboração acerca do que está acontecendo no mundo. Expressões como “o que você está pensando”, “deixe aqui sua opinião” e “qual a sua sugestão” caracterizam a Cibercultura como espaço de cocriação e participação ativa. Saímos da era leitor para leitor/autor. O digital em rede parte do princípio de que as pessoas têm sempre o que contribuir, estão engajadas e fazem parte desse movimento não como expectador, mas como autores. São para elas e sobre elas que a cada dia os desenvolvedores e programadores de *software* criam e recriam aplicativos na internet (SANTOS; SANTOS, 2012).

¹ Mestra em educação, pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB; Professora assistente, no Departamento de Ciências da Educação, da Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus-BA. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPed da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro dos Grupos de Pesquisas: Ilê Obà Òyó, Multi-Institucional Áfricas <www.grupoafricas.wix.com/site> e Formação de Professores, Currículo e Alfabetização/UESC. *E-mail*: <neide.luzi@gmail.com>.

Essa geração que está nas escolas e nas redes sociais digitais é composta de pessoas que têm sua história de vida cruzada pelas relações do seu cotidiano. São estudantes que têm uma concepção cultural sobre gênero, cor e religiosidade construída no *espaçotempo*² da sua vida *dentrofora* da escola. O que circula nas redes sociais digitais são suas vivências nas relações intercruzadas nesse *espaçotempo*.

Tentando compreender como a Cibercultura pode contribuir com o debate sobre a implementação da Lei 10.639/03, analisei o ativismo digital promovido pelo grupo de estudantes da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC que organizaram o coletivo “A coisa está ficando preta”, que tem como objetivo criar nas redes sociais *online* e *off-line* um espaço de debates críticos e reflexivos de fortalecimento da educação antirracista. Há 13 anos, a Lei de 10.639/03 foi criada, e seu único e principal objetivo é tornar obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas em todas as escolas, públicas e particulares, da educação básica. Porém, como toda lei no Brasil, até o presente momento teve pouco avanço, pois muitas escolas a interpretaram de forma muito superficial, resumindo o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana a datas comemorativas pontuais. E a Cibercultura com isso? Bem, através do ativismo digital, o coletivo vem promovendo, desde 2014, várias campanhas em sua página no *Facebook*, desconstruindo o que a mídia de massa fala sobre os negros. São marcas consolidadas, nas quais o negro acreditou na sua inferioridade, se vendo como algo errado, feio. Então percebemos assim que a construção de uma identidade está nas nossas relações com os outros e com nós mesmos (Aline, ativista digital do Coletivo).

Os coletivos digitais que vêm com essa proposta de empoderamento dos negros têm se multiplicado a cada dia. A diferença como algo positivo

² Espaço-tempo e Dentrofora. Esses termos, utilizados por Nilda Alves para substituir os tradicionais espaço e tempo e dentro e fora, aparecem dessa maneira para mostrar como o modo dicotomizado de analisar a realidade, que herdamos da ciência moderna, significa limites ao desenvolvimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Achemos coerente utilizar essa forma de grafar para examinar as ideias de Cibercultura e outros temas da contemporaneidade.

é pautada na relação social que priorize o respeito ao outro como portador e produtor de cultura, saber e criatividade, que influencia na nossa formação e como a educação, a cultura e a história podem ajudar na reconstrução de uma identidade brasileira, agora fundamentada no reconhecimento de uma população brasileira consciente de sua formação multirracial, na qual o negro se reconheça como parte da sociedade (MUNANGA, 2005).

Optei por observar o trabalho desenvolvido pelo coletivo “*A coisa está ficando preta*” por este estar localizado numa região de pouca ou quase nenhuma visibilidade da cultura afro-brasileira. O sul da Bahia é marcado historicamente pelo silenciamento e apagamento da contribuição cultural e histórica dos afro-brasileiros. O coletivo foi criado em 2014, e conta com a parceria do Kàwé/UESC³, LAIKOS/UESC⁴ e AMATA – Associação Mantenedora do Terreiro *Ilê Axé Odé Aladê Ijexá*⁵. O objetivo do Coletivo é o ativismo digital na luta contra a discriminação racial e religiosa. Para isso, vem desenvolvendo várias campanhas no *Facebook* com o foco na midiaticização da cultura afro-brasileira a partir da compreensão do *nós por nós* fundamentada na filosofia africana *Ubuntu*⁶.

Este artigo é resultado da etnografia virtual desenvolvida a partir da análise das publicações realizadas pelo Coletivo durante o ano de 2014 e 2015, em sua página no *Facebook*⁷.

Uma das características da etnografia virtual é o redimensionamento do tempo e do espaço ocupados pelo pesquisador. Utilizando-se de suporte digital, o pesquisador não precisa se deslocar para estar no campo de pesquisa. O tempo de comunicação com os participantes da pesquisa

³ Kàwé palavra ioruba que significa Educação é o nome do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais da UESC/BA.

⁴ Projeto de extensão LAIKOS: enfrentando a intolerância religiosa e promovendo a igualdade racial, do Departamento de Ciências Jurídicas da UESC.

⁵ Terreiro localizado no Banco da Vitória em Ilhéus-BA. As palavras em yoruba Ilê Axé Odé Aladê Ijexá significam: Casa de axé do Rei Oxóssi da nação Ijexá.

⁶ Todos os textos do “Por dentro da África” estão disponíveis em PDF no ícone no final da página. O conteúdo deve ser utilizado com propósito educativo. Para republicações em outros canais, entre em contato com o site. Por dentro da África <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia>>.

⁷ Endereço do Coletivo “A Coisa Está Ficando Preta” no Facebook: <<https://www.facebook.com/acoisataficandopreta/?fref=ts>>.

não será o tradicional. Eles podem combinar qual o melhor horário para conversar. Uma das críticas que os etnógrafos tradicionais fazem a esse tipo de pesquisa é quanto ao *encontro face a face* (AMARAL; NATAL; VIANA 2008). Com os avanços tecnológicos, temos à nossa disposição recursos midiáticos que nos permitem fazer entrevistas *online*, utilizando a videoconferência em tempo real. Pela chamada em vídeo é possível analisar os gestos e emoções expressas pelos participantes da pesquisa. Assim, a netnografia ou a etnografia virtual produz dados das pesquisas comunicacionais sincrônicas através de entrevistas *online*, utilizando recursos de telepresenças *online* via *skipe/Facebook* e ligações via *whatsapp*, como também narrativas digitais assíncronas disponibilizadas nas redes sociais digitais, tais como: comentários, fotografias e vídeos.

Uma etnografia virtual pode observar com detalhe as formas de experimentação do uso de uma tecnologia, se fortalecendo como método justamente por sua falta de receita, sendo um artefato e não um método protocolar, é uma metodologia inseparável do contexto onde se desenvolve, sendo considerada adaptativa (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 4).

Durante esses dois anos, venho acompanhando as postagens do Coletivo, que falam da *negritude* das crianças e jovens da região de Ilhéus e Itabuna-BA, utilizando o digital em rede para o *empoderamento* dessa juventude e afirmação da sua *identidade* afro-brasileira. Neste estudo, observo as narrativas digitais: comentários, fotografias e vídeos produzidos e postados pelos participantes do Coletivo.

2 A Cibercultura e as relações étnico-raciais: um referencial para educação

A primeira campanha analisada foi à campanha “*Dia das mães é todo dia... Respeito é o melhor presente*”, desenvolvida em maio de 2014, em homenagem ao Dia das Mães.

O Coletivo convidou a mãe Darabi, *Ìyálorixa*⁸ do terreiro Ilê *Odé*

⁸ Sacerdotisa do culto aos orixás.

Figura 1 – Campanha: Dia das mães é todo dia... Respeito é o melhor presente



Fonte: Página do Facebook do Coletivo A coisa está ficando preta

Aladê Ijexá, para participar dessa campanha. “Eles me convidaram, disseram que queriam minha participação, mas você já viu mãe sem filho?

Nem eu! Aí convidei minhas duas filhas lindas, Beatriz Miranda e Layza Miranda, para participarem dessa campanha comigo”, diz mãe Darabi numa conversa que tivemos *inbox* no *Messenger* do *Facebook*.

Além da campanha no *Facebook*, o Coletivo imprimiu cartazes que foram distribuídos na UESC e nas escolas públicas da região. Também foi fixada num *outdoor* na Rodovia Jorge Amado (entre as cidades de Ilhéus e Itabuna). As meninas que participaram dessa campanha, na época, eram estudantes do ensino fundamental e frequentavam uma escola particular em Ilhéus.

Segundo as meninas, Beatriz Miranda e Layza Miranda, no início da campanha, quando seus colegas as identificavam nos cartazes e perguntavam se elas eram do Candomblé, elas diziam que não, que tinham participado da campanha, porque eram modelos fotográficas: “Com a repercussão da campanha no *Facebook* e muita gente curtindo e compartilhando as nossas fotos e dizendo que respeitavam quem era do axé, aí comecei a dizer que era do Candomblé, mas no início eu tinha vergonha”, diz Beatriz, com um dos cartazes na mão.

As curtidas e compartilhamentos das postagens dessa campanha foram para essas meninas a sinalização de que não tinham do que se envergonhar e tampouco se esconder. Os negros africanos, quando chegaram às Américas, especialmente ao Brasil, encontraram nas redes sociais presenciais, *resistência*, *acolhimento* e *afeto* para preservarem suas vidas, primeiro, e depois se constituírem enquanto cidadãos afro-brasileiros. Desde que o

Brasil é Brasil, vivemos em comunidades, em redes, seja em volta da fogueira depois de um dia intenso de trabalho, quando o Brasil era colônia, seja nos grupos sociais, no final de semana, depois do futebol ou grupo de dança. Estamos sempre com o outro, o nosso semelhante ou o nosso diferente, e é com ele que dividimos os *nossos saberes*, angústias, alegrias, dúvidas, lutas e conquistas.

Com o digital em rede, a nossa rede de relacionamento ampliou e foi ressignificada, nossos amigos de hoje não são apenas as pessoas que conhecemos na rua, na escola ou no trabalho, são também as pessoas que conhecemos nos eventos próximos de nossa casa ou é aquela pessoa que fez um vídeo⁹ bacana, postou na internet e todos estão comentando e querendo conhecer. É alguém que acabou de lançar um livro muito interessante e, para convidar as pessoas para o lançamento, criou um evento no *facebook*. Sem falar nas manifestações e atos políticos, nas feiras e eventos culturais que são organizados e divulgados nas redes digitais. Ou seja, as redes sociais digitais não só ressignificaram o conceito das relações sociais na contemporaneidade, como também têm possibilitado uma conexão com pessoas e seus saberes/produções, independente da localização geográfica. Aproximam interesses políticos, culturais, sociais e educacionais, potencializam novas reflexões e ampliam a inteligibilidade do mundo no mundo, em tempo real.

O ponto crucial é que o ciberespaço é, ao mesmo tempo, coletivo e interativo, uma relação indissociável entre o social e a técnica. Essa perspectiva nos leva a pensar o ciberespaço, então, como um potencializador de infinitas ações interativas, um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de reconfiguração e de autorias (SANTOS; SANTOS, 2012, p. 5).

O *Facebook* apresenta-se também como um espaço de diálogo, afetividade e de luta de interesses, propiciando uma diminuição de fronteiras entre uma série de pessoas que podem participar desses espaços e também no *off-line*. O bacana nessa campanha foi a forma como as pessoas “vestiram a camisa” para falar da discriminação religiosa e do papel da mulher

⁹ São os famosos Youtubers, jovens e adolescentes que fazem vídeos do seu cotidiano para o Google e estão saindo do Youtube para a TV, cinema e livrarias.

negra e mãe de santo na nossa sociedade. A compreensão de que devemos respeitar o lugar que ela ocupa na formação social e cultural dos adeptos do Candomblé foi uma das questões mais relevantes da campanha. Outro fato interessante foi o *cruzamento das redes*. As pessoas tiravam fotos com o cartaz nas mãos e compartilhavam na página do Coletivo “A coisa está ficando preta”.

Figura 2 – Postagem dos alunos do mestrado acadêmico em Letras da UESC

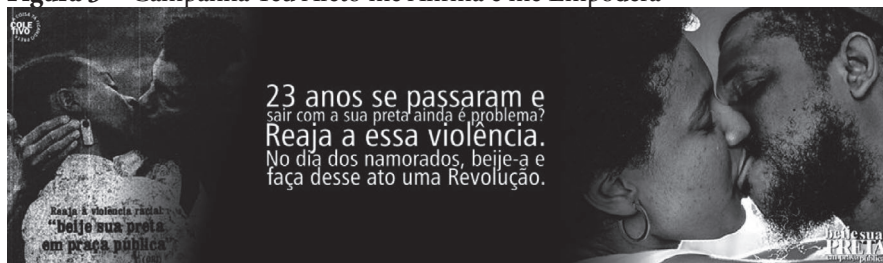


Fonte: Página do Facebook do Coletivo A coisa está ficando preta.

Outra campanha do Coletivo que observei foi a do Dia dos Namorados. A campanha resgatou, em 2014, a campanha realizada pelo Movimento Negro Unificado (MNU) há 24 anos. Em 1991, no Jornal do MNU, a campanha *Reaja à violência racial: beije sua preta em praça pública*. Essa campanha foi ressignificada pelo coletivo no Facebook através do tema: *Teu Afeto me Afirma e me Empodera*.

Inicialmente, o Coletivo compartilhou várias fotografias produzidas por eles para a campanha. A primeira imagem foi uma montagem feita com a fotografia realizada pelo MNU, em 1991, e uma fotografia do Coletivo produzida em 2014, com uma frase para lembrar os 23 anos da campanha.

Figura 3 – Campanha Teu Afeto me Afirma e me Empodera



Fonte: Facebook Coletivo A coisa está ficando preta.

Em seguida, as pessoas começaram a mandar as suas fotografias tiradas em diversos lugares públicos, como praça pública, praias, barzinhos, *shoppings*. As imagens chamavam a atenção por atrelar a afetividade negra à violência racial. A proposta da campanha foi chamar a atenção da juventude negra contra o racismo, que ainda é tão atual quanto suas várias facetas.

Figura 4 – Na praça ou Na Praia Teu Afeto me Empodera e me Afirma!



Fonte: Página do Facebook Coletivo *A coisa está ficando preta*.

A frase da legenda acima é do casal, ao lado direito Manoella e Wruahy, na sua fotografia postada na *timeline* do Coletivo. A ausência de casais negros nos comerciais veiculados na TV ou em *outdoors*, nas revistas, jornais, novelas e filmes da mídia de massa ainda é uma visão da sociedade do embranquecimento e uma forma de violência racial. Sem *representatividade*, não temos do que nos orgulhar. Essa campanha foi tão representativa para a juventude negra que durou mais que o esperado. Era para ficar até o Dia dos Namorados, mas as imagens e comentários não paravam de chegar à *timeline* do Coletivo. E, além de mandarem suas fotografias, as pessoas comentavam sobre a campanha.

Gente!!! Essa #Campanha Teu Afeto Me Afirma e Me Empodera do Coletivo [...] tem nos feito pensar um bocado. 1. Para além de se “amostrar no face”, vejo que os casais ficam felizes em expressarem o seu amor. Massa. 2. O “beije sua preta” causa um furor identitário!! Lande Onawale futucou nossas entranhas com este poema. Explico-me: as pessoas querem enviar fotos, mas ficam naquela “será que eu sou essa preta que eles estão falando?”, “Eu queria, mas eu sou moreno, não sou preto” “No casal, só tem um preto. Pode?”, “Existe preta de cabelo liso?”. Ou seja: massa ao quadrado!! Refletir sobre o nosso pertencimento racial é uma das coisas mais poderosas

e necessárias no processo de afirmação identitária. Eu mesma sou uma preta de pele clara, “negra com pouca tinta”, como me disse uma vez o professor Ubiratan Castro de Araújo, mas tenho plena consciência do quanto a extensa variação de autodefinições de cor/raça no Brasil é problemática e interfere nos padrões de discriminação racial. Enfim, colocar nossas imagens pretas na mídia (rede social) implica mexer num vespeiro tanto nas nossas cabeças quanto no discurso racista de nossa sociedade. Suspiro. Continuemos na luta... As coisas estão ficando maravilhosamente pretas!!!! Coletivo A coisa está ficando preta (Larissa Quase Sá).

Uma *identidade* se forma através da sociedade, da cultura, dos lugares, das histórias, das pessoas com as quais convivemos e dos costumes. Por isso, “é preciso que haja a aceitação de nós por nós mesmos, cada um fazendo suas próprias escolhas”, escreve Tiago Carvalho em um dos vários comentários na página do Coletivo no *Facebook*.

Para o fortalecimento dessa questão é interessante trazer o posicionamento de Munanga (2005), quando diz que o resgate da memória coletiva e da história do povo negro não é interessante só para os alunos de descendência negra, mas para todos, principalmente os de descendência branca.

Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente brancas, pois ao receberem uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p. 16).

Com a repercussão da campanha, “Teu Afeto me Afirma e me Empodera”, o Coletivo organizou a campanha para o Dia Internacional da Mulher Latino-Americana e Caribenha, em 25/07, e a campanha para o Dia das Crianças. Quem acompanha as propagandas e comerciais da mídia de massa percebe que não existe nenhuma campanha em que as crianças negras sejam maioria ou tenham representatividade positiva de empoderamento.

Além da falta de representatividade, a população negra sofre com a ausência de sua participação em trabalhos artísticos e culturais de destaque ou em espaços de prestígio. Quando essa aparece na mídia, está desenvolvendo trabalho braçal, como empregado/a da construção civil ou doméstica, em campanha do governo para as políticas assistencialistas ou como segurança de bancos ou porteiro de condomínios de luxo.

Já na campanha do Dia das Crianças, buscou-se pensar em referências negras que poderiam contribuir para a formação da identidade das crianças negras. A proposta foi sensibilizar os pais, os educadores e as crianças, em geral, de que nós somos e pertencemos a um grupo étnico que contribuiu para a formação cultural da população brasileira, com grande participação na música, nas cantigas de roda, nas brincadeiras, nas danças e no esporte. Como também na Medicina, no Direito, na Educação, na Engenharia, na Arquitetura, ou seja, em todas as áreas.

Figura 5 - Campanha do dia das Crianças: Seja um referencial.



Fonte: Página no *Facebook* *A coisa está ficando preta*.

Bem, isso sem falar que quase não circulam bonecas negras na mídia televisiva e no comércio. As crianças negras crescem brincando com a Barbie e as princesas loiras, magras e de olhos azuis como único referencial. Esse estereótipo, também, está presente em toda a literatura infantil que circula pela escola e nas livrarias. Além das postagens no *Facebook*, o Coletivo organizou visitas às escolas com atividades culturais: roda de conversa, contação de história afro, desfiles afros e confecção de brinquedos, inclusive bonecas negras confeccionadas em tecidos.

E se essas campanhas chegassem à sala de aula? Será que podemos pensar a formação da identidade brasileira para além da cultura branca?

Podemos falar de afirmação de identidade afro-brasileira? Podemos falar de consciência negra? E podemos fazer uma comparação histórica entre as atividades desenvolvidas pelo MNU, em 1991, e os dias atuais? Podemos falar da juventude de terreiro? Estas e outras questões nos fazem pensar na formação docente e no ensino da história e cultura afro-brasileira e africana.

O desafio posto para os docentes é a compreensão de que as pessoas, nós, estamos imersos num mundo cada dia mais digitalizado em que as relações são atravessadas pela multiplicidade de acesso à informação e ao conhecimento que nos legitima como um ser no mundo e com o mundo. Se a escola tem dificuldades em problematizar e apresentar o povo brasileiro como uma nação multirracial, as redes sociais digitais vêm nos mostrando que as pessoas que estão conectas não têm nenhuma dificuldade em dar visibilidade às suas origens étnicas, apesar do discurso de ódio também presente no ciberespaço. Encontramos no *Facebook* relatos diários de violência racial¹⁰ e religiosa (Candomblé e Umbanda), estética negra, feminismo negro, cultura negra, literatura negra, cinema negro, feira afro e inúmeros eventos culturais, artísticos e políticos. Portanto, educar, é proporcionar condições que permitam o desenvolvimento da autonomia.

Neste sentido, precisamos compreender os vestígios do passado como evidência no seu mais profundo sentido, isto é, como um tema que deve ser tratado não como mera informação, mas como algo de onde se podem retirar respostas a questões, é que o conhecimento histórico passa a ter significado.

Por conta disso, como lidar com a diversidade cultural em sala de aula? É possível escapar de um modelo monocultural de ensino? Poderá os professores incluir a equidade de oportunidades de aprendizagem entre seus objetivos? Como socializar, através do currículo e de procedimentos de ensino, para atuar em uma sociedade intercultural e desnaturalizar o racismo?

Esses desafios se apresentam como forma de propor novas metodologias para o ensino de estudos étnicos; reformulação de currículos e ambientes escolares, articulando cultura e identidade; desempenho escolar e

¹⁰ A página **Senti na pele** tem como objetivo mostrar relatos de pessoas que sofreram algum tipo de discriminação ou injúria racial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sentinapele/?fref=ts>>.

diversidade cultural; criar ações de oportunidades de sucesso escolar para todos os alunos, independentemente de seu grupo social, étnico/racial, religioso, político e de gênero; valorizar a importância da diversidade étnica e cultural na configuração de estilos de vida; e, prioritariamente, a formação inicial e continuada do/a professor/a da educação básica.

Nesse sentido, o papel da Cibercultura é determinante no processo de reapropriação e produção de saberes outros. Através da análise crítica das narrativas digitais que circulam nas redes sociais digitais, como *Facebook*; dos questionamentos das imagens, vídeos, comentários, da comparação do que se lê com o que se vê e da comparação do que se lê nos textos oficiais com o seu cotidiano, suas experiências e sua cultura. Podem-se, assim, desconstruir estigmas de pertencimentos relacionados a questões raciais e étnicas.

Outro ponto importante a refletir quando se fala na formação da identidade étnico-racial brasileira é as questões globais em que cada sujeito está inserido e das quais não podemos nos furtar de uma discussão para além dos comentários no *online*. Há uma massificação da cultura e também uma capitalização cultural. A cultura afro-brasileira é um produto do mercado globalizado (HALL, 2001; CASTELLS, 1999). A Cibercultura tem uma dinâmica própria fundamentada na fluidez e velocidade das informações. Fazer um diálogo formativo e crítico dos conhecimentos que circulam nas redes sociais digitais e em sala de aula pressupõe ampliar o debate para uma reflexão mais crítica, criteriosa e formativa do que circula no mundo digital. Não podemos perder de vista que somos afetados direta ou indiretamente com tudo o que acontece no mundo, pois somos sujeitos globalizados.

Sendo assim, a identidade deixa de ser formada pela interação entre “o eu e a sociedade”, conforme afirma Hall (2001, p. 11), passando a ser formada pelas “supostas” necessidades do homem, influenciada pela Indústria Cultural, mas também movida pela movimentação, pelos encontros e desencontros. As jovens que buscam força para afirmar a sua identidade religiosa, os jovens que buscam enfrentamento na luta por afeto negro em outros casais que também são negros e a criança que tem como presente a referência de outros lugares de ocupação do corpo negro são afetados por *processos identitários* produzidos nos cruzamentos e circulação de uma imagem de *empoderamento* e *resistência* da população negra na luta por *identificação*. Desse desenho, admite-se que somos compostos por representações, sendo fundamental compreendermos o mundo por esse olhar, em que as mudanças advêm, as culturas se permutam e as certezas são mutáveis.

A proposta de utilizar o *Facebook* como um espaço de reflexão e formação de uma identidade étnico-racial brasileira não é uma solução aos problemas raciais no Brasil, mas uma possibilidade de ampliação dos espaços formativos, uma vez que as redes sociais digitais são muito utilizadas pelos alunos, professores e a comunidade para difusão cultural e o enfrentamento ao racismo estrutural do nosso país.

3 Temos muito que caminhar...

Pensar numa educação para a diversidade intercultural mediada pelo digital em rede é um desafio emergente para a educação brasileira. Se por um lado, é uma proposta audaciosa, visto que retira da responsabilidade do professor a transmissão do conhecimento e propõe a formação de espaços de trocas de saberes, historicamente, produzidos pelos afrodescendentes; por outro, é um problema para a estrutura curricular disciplinar e fragmentada, presente nas escolas e na ausência de formação continuada de professores.

Nessa perspectiva, com o objetivo de pensar o modelo tradicional de educação — que embranqueceu o currículo escolar e deslegitimou os negros africanos e afrodescendentes de sua participação na formação história e cultural do Brasil — é que se propõe a pensar em abrir espaços para debates, críticas e reflexões outras; e a inserção dessas tecnologias digitais como possibilidade de promover e construir os valores interculturais numa sociedade que é pautada ainda pela exclusão e discriminação racial.

Referências

ALVES, N. Apresentação: as múltiplas formas de narrar à escola. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 7, n. 2, p. 5-7, jul./dez., 2007.

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, 20. ed., p. 34-40, dez., 2008.

CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Educação Intercultural e Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

CASTELLS, M. A construção da identidade. In: CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MUNANGA, K. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), 2005.

_____. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo. Ática, 1986.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA; Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**, publicado no D.O.U. de 10.1.2003.

SANTOS, E. O; SANTOS, S. R. Cibercultura: redes educativas e práticas cotidianas. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v. 4, n. 7, jan./jul., p. 159-183, 2012.